

enviadas por Anadiômena, desde Delos.

Com o fogo simbólico (autoconhecimento), os trabalhadores concentrados no Mussulo (protegidos por forças divinas) podem voltar para os musseques de Luanda, espalhando sua nova maneira de ser. Era Abril de 1974 - e tudo acaba por ser transformado pela forja maravilhosa. Uma forja angolana, entre muitas outras espalhadas pelo mundo, já que o fogo parte de Delos para todos os lugares onde Hefestos é cultuado.

Há em *O signo do fogo*, como se vê, marcado sentido de universalidade (como pode ser apreendido pelo recurso ao repertório clássico), que dialoga com situações próprias de Angola. É esse particular que provavelmente levou o narrador a reintroduzir Hefestos, um deus da periferia do Olimpo. Como na forja do artesão divino, a escrita de Boaventura Cardoso modela repertórios vários, levando o "fogo da fala" (título de uma de suas coletâneas de contos) ao romance. Se na tradição de seu país, as histórias eram contadas à beira da fogueira, a escrita de seu romance - a partir dessa base genética - procura ir além. Como diz o narrador no parágrafo final de *O signo do fogo*: "E então Tutuxa e Clímene vieram na praça. E viemos também nós, eu e nós, Alfa e Ômega, vem Hefestos e, festivos, saltamos a fogueira".

Benjamim Abdala Júnior

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*.

Trad.: Alda Ferrás et al. Coordenação e revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães
São Paulo: EDUC / Pontes Editores, 1992.

I - A obra:

Mesmo considerando que a Antigüidade não tenha sido alheia às questões do significado, foi somente no Séc. XIX que a Semântica se estabeleceu como um ramo lingüístico diferente da Etimologia, esta ocupada basicamente com a origem das palavras. Houve fases diferentes nos estudos empreendidos nesse século, mas pautaram-se todas por uma orientação histórica. Na concepção de Reisig (1825), por exemplo, havia leis que governavam o desenvolvimento do significado e seu estudo constituía o objeto da Sema-siologia que, ao lado da Etimologia e da Sintaxe, compunha a gramática das línguas. Numa visão clássica da matéria, admitia-se para o sentido uma trajetória determinada por causas externas independentes do falante. Por volta de 1883, Bréal publicou um artigo - "Les Lois Intellectuelles du Langage", in *Annuaire de l'Association de Études Grecques* - em que pressupunha ser a ciência das significações inteiramente nova, de domínio não explorado, e decidiu denominá-la Semântica.

A "nova" ciência tinha como objeto estudar as mudanças de significado, de conformidade com algumas linhas, às quais Bréal chamou de leis intelectuais da linguagem.

Assim apresentado, o *Ensaio de Semântica* que abriga o pensamento brealino seria apenas uma continuação da proposta de Reisig, vale dizer, as mudanças de significado classificam-se segundo critérios lógicos, sociais, psicológicos, etc., excluindo, ou pelo menos, minimizando a intenção do falante de provocá-las; seria, com certeza, apenas mais uma análise de cunho histórico.

O grande mérito de Bréal, ainda que tenha adotado uma visão acentuadamente historicista, é apresentar - e neste particular é inovador - a posição do falante agindo diretamente sobre as mudanças de sentido e capaz de nelas interferir.

O *Ensaio de Semântica*, que compreende três partes nas quais se distribuem vinte e seis capítulos, apresenta ainda quatro pequenos ensaios que lhe foram anexados pelo Autor.

Questões importantes para a teoria semântica têm, em vários aspectos, tratamento surpreendentemente moderno, como é o caso da matéria relacionada com a transferência do sentido.

Mesmo que muitas observações não possam chegar a qualquer sistematização, é importante notar que Bréal não descarta, ao longo dos capítulos, a vontade humana que

preside às mudanças da linguagem, relegando quaisquer outras causas que ele considerava secundárias.

Com o advento da Lingüística Moderna, a obra de Bréal foi temporariamente esquecida e considerada apenas como mais uma obra de história das palavras.

As dicotomias estabelecidas por Saussure - diacronia/sincronia, língua/fala - abriram o caminho para uma nova concepção da semântica, que certamente não comportava a visão dos estudos precedentes, sobretudo porque se passou do enfoque da palavra isolada ao da palavra no sistema. O curso de Lingüística Geral tornou-se o marco entre o que se fez e o que poderia ser feito nos estudos semânticos. Balizada nos seus preceitos, a pesquisa lingüística alcançou, nas últimas décadas, resultados notáveis.

Há de se convir, no entanto, que, centrada nas questões da língua, a investigação lingüística bem mais recentemente é que passou ao âmbito das questões da fala.

É importante ressaltar: na fala situam-se pontos-chave das mudanças de significado, da produção de sentido, sentido que não se faz exclusivamente no sistema, mas se exerce através do sujeito e da História.

Eis um motivo suficiente para a leitura de Bréal.

II - A tradução:

Numa feliz iniciativa do DL/IEL/Unicamp, veio a

público, no ano passado, a primeira tradução, para o português, do *Essai de Sémanique*, de Michel Bréal, editado na França em 1897.

A tradução tem o grande mérito de possibilitar um reconhecimento das propostas de Bréal, esquecidas por décadas, e que poderão, de alguma forma, subsidiar a pesquisa semântica atual. O trabalho se enriquece com o excelente ensaio do Prof. Eduardo Guimarães, feito à guisa de apresentação.

Quanto à tradução em si, vale observar: na obra original apresentam-se, como ilustração, expressões e citações latinas e gregas, nem sempre acompanhadas da respectiva tradução, o que parece normal, tendo em vista o predomínio das línguas clássicas na cultura da época.

Admita-se, porém, que é bem outra a situação de hoje e não são muitos aqueles que, sem dificuldade, poderão perceber o significado dos exemplos clássicos citados, os quais, na maioria, têm importância capital para a completa apreensão do texto.

Como os tradutores se preocuparam, inclusive, com a tradução de exemplos do francês, língua moderna que muitos dominam, seria interessante e proveitoso que se fizesse também a tradução das ilustrações greco-latinas numa seguramente próxima edição do trabalho.

A lacuna não desmerece a tradução. O importante, decerto, foi trazer ao alcance dos

estudiosos uma obra notável que, mesmo não tendo os seus preceitos inteiramente acolhidos pela Lingüística Moderna, há de ser, como afirma o Professor Eduardo Guimarães, um ponto de apoio para algumas das questões discutidas hoje.

Clara Grimaldi Eleazaro

Temas portugueses e brasileiros. TRIGUEIROS, Luís Forjaz & DUARTE, Lélia Parreira (org).

Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

Difícil trabalho de seleção o realizado pelos organizadores desta excelente coletânea de temas portugueses e brasileiros, idealizada pelo ex-Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, professor Doutor Fernando Cristóvão. No universo amplo e variado das publicações relativas aos dois países, de autoria portuguesa e brasileira, impossível a abrangência desejada e a não interferência da subjetividade.

Uma Antologia é sempre, de certo modo - observa na Introdução o organizador da parte portuguesa dedicada a temas brasileiros - obra subjectiva que expõe o autor a inevitáveis críticas. Neste caso admito que o risco seja bem menor, pois uma finalidade expressa esteve na sua origem como atrás se